



A Modernidade e o Espectro da Globalização¹

Telenia Hill²

RESUMO: Partindo-se do conceito de modernidade de Marshall Berman, vai-se caminhar dos séculos XX a XXI, focalizando o fenômeno da globalização. Far-se-á uma apreciação crítica sob as óticas econômica, social e ambiental. Vai-se recorrer, principalmente, a Zigmunt Balman (O mal-estar da pós-modernidade), Milton Santos (Por uma outra globalização) e Anthony Giddens (A política de mudança climática). Ao afirmar-se que se vive numa torre de Babel não se está exagerando. Vive-se num mundo em que, de um lado a *precisão* e a *intencionalidade* denunciam o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, e, de outro, a *velocidade* e outras vertigens, geradas pela aceleração contemporânea. Essas, entretanto, são características de um mundo físico fabricado pelo homem. Ao contrário de um mundo veraz, impõe-se a este mesmo homem um mundo ilusório, por meio do qual busca-se difundir um discurso único.

PALAVRAS-CHAVE: globalização; protecionismo; cidadania; atmosfera; consumo.

Como preâmbulo, embora não se pretenda tratar do conceito teórico de Modernidade, vai-se recorrer a Marshall Berman, americano de Bronx, Nova Iorque, nascido em 1940, altamente influenciado pela geração que viveu intensamente o maio 68. Autor de *Tudo que é sólido se desmancha no ar* (*All that is solid melts into air*), livro não muito recente, mas de grande importância, ele constrói um painel vertiginoso e lúcido dos tempos modernos, combinando com mestria a melhor tradição da crítica literária com um desvendamento histórico preciso da sociedade e da cultura nos séculos XIX e XX.

Segundo ele,

... ser moderno é descobrir que estamos em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de nós mesmos e do mundo – que, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos, o que sabemos, o que somos. (BERMAN, apud Kumar, 1997).³

Quando se faz referência ao fenômeno da globalização, registra-se a importância do emprego do termo *global* na atualidade, justificando-a a partir da prática de uma ideologia de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011 – Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

² Telenia Hill. Mestre em Linguística e Doutora em Letras pela UFRJ; Pós-doutora em Ciências Sociais – Paris V^{ème}, Sorbonne. Professora de Teoria da Comunicação e Teoria Literária. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autora dos livros Castro Alves e o poema lírico; O trajeto da imanência; Estudos de teoria e crítica literária; Osman Lins, estudo Crítico e seleção de textos; Literatura, existência e poder; L’homme dans la modernité: une histoire de mythes; Raimundo Correia (Melhores Poemas); Cultura e sociedade contemporânea; Homem, cultura e sociedade. E-mail: teleniahill@gmail.com

³ BERMAN, Marshall. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



marketing, veiculada pela mídia, e altamente danosa para a América Latina e outras partes do mundo.

A ilusória especificidade do produto atende à demanda de um *marketing* global, que se realiza por meio dos *shopping centers* existentes em grande quantidade no mundo capitalista moderno. Constata-se nos dias de hoje uma vitalidade do capitalismo que se dissemina e atinge todo o globo, verticalizando a influência sobre o cotidiano das sociedades ocidental e ocidentalizada, e interiorizando-se na política, na cultura e no bem-estar social. Essa influência faz-se sentir também na educação, nas artes, nos meios de divulgação midiática, na saúde, na seguridade social, e até na polícia e nos serviços penitenciários.

Lamentavelmente, tem-se de reconhecer que o planeta passa por uma metamorfose que objetiva transformá-lo numa imensa zona de livre comércio. Isto é expresso sintomaticamente, no cotidiano, por uma ideologia que busca fazer-nos ingressar numa sociedade global. Como aponta Alain Touraine, “uma coisa é afirmar o triunfo de uma sociedade de mercado; outra, totalmente diferente, é dizer que a sociedade deve ser regulada como um mercado, e, portanto, ser liberal, ou seja, capaz de reduzir, tanto quanto possível, as intervenções voluntaristas do Estado, dos monopólios, da Igreja” (TOURAINÉ, 1996, p. 6).

Segundo Zigmunt Bauman (1988, p. 10), os indivíduos contemporâneos querem a liberdade, a felicidade e os prazeres permitidos, na atualidade, pelo *cartão de crédito*. Para ele, “os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” e a identidade está sempre um passo além daqueles que a perseguem.

Num passado não muito distante, em um ambiente de permanente mudança mas amparado, ainda, por certa estabilidade, o *eu* de cada indivíduo podia delinear-se efetivamente, movido pela capacidade de julgar e intervir racionalmente, tendo como meta o atingimento dos projetos de vida. Ao contrário desse *status quo*, constata-se, hoje, a condição de um “*eu* flutuante e à deriva”, gerado por uma dinâmica social contemporânea, que não oferece a mesma estabilidade. Apreende-se uma atmosfera de insegurança, em que se desfazem os vínculos desse *eu* com o território ou a localidade a que pertence. Constata-se uma mobilidade nas finanças e no capital, que resulta em desemprego e enfraquecimento recorde das economias.



Com o fenômeno da globalização, a especialização flexível, ocasionando a reorganização produtiva e com a decadência das redes de assistência pública, a comunidade vai-se eximindo da responsabilidade que tinha para com os seus integrantes.

Dependendo da situação do local, a atuação globalizadora da cultura, com a ação coadjuvante da mídia, pode tornar-se uma força sobre a qual a sociedade não tenha controle, constituindo-se num campo fértil para os mais poderosos. É o que acontece, de maneira geral, nos países do chamado Terceiro Mundo, em que o êxodo rural, as migrações, a explosão demográfica, a pobreza e a marginalidade fazem com que eles se apresentem quase que completamente frágeis e impotentes diante da força de agentes político-sociais do dito Primeiro Mundo.

Ao se fazer um retrospecto no tempo, há catorze anos atrás, em outubro de 1997, vai-se registrar a visita do presidente Clinton ao Brasil, revestida aparentemente de encantadora simpatia, mas nem por isso de séria busca de objetivos, como, por exemplo, a ambição de domínio dos EEUU. Aliás, Clinton volta à cena política americana com a ida à Coreia do Norte. Em missão não divulgada, ele obtém a libertação das duas jornalistas americanas, de origem asiática, condenadas a 12 anos de trabalhos forçados. Para Clinton, “a globalização não reduziu os problemas sociais”. Com relação aos que têm e aos que não têm, isto se torna uma “praga antiga na América Latina, a qual precisa ser tratada com mais seriedade não só pelos governos, mas também pela iniciativa privada”.

Não fazia sentido, para o governo norte-americano, que a América do Sul se fortalecesse por meio do Mercosul se não tivesse “como objetivo comum uma Área de Livre Comércio das Américas (ALCA)”, que deveria ter vigorado a partir de 2005”

Com o principal objetivo de fazer frente à concorrência com a União Européia e vários países do bloco asiático, e controlar todo o comércio da América Latina e Caribe, Clinton idealizou a criação da ALCA, durante a Primeira Cúpula das Américas, ocorrida em dezembro de 1994, e da qual participaram trinta e três países do continente americano.

A proposta de a ALCA representar a integração econômico-comercial das Américas era totalmente ilusória, uma vez que essa instituição teria como meta principal privilegiar os Estados Unidos, em prejuízo das economias da América Latina e Caribe, subdesenvolvidas e endividadas, cuja soma dos produtos internos brutos era quase dez vezes inferior ao daquele país. Integrar econômica e comercialmente as Américas seria impossível, do momento em



que, como demonstram as evidências, em confronto com a dos Estados Unidos, as condições dos outros países latinos são completamente desiguais.

Com a implantação da ALCA, a economia seria totalmente dominada pelos interesses das grandes corporações norte-americanas e, provavelmente, o dólar se tornaria a moeda de conversão continental. Felizmente já estamos em 2011 e o projeto da ALCA não se concretizou.

Segundo o jornalista José Carlos Braga (BRAGA, 1997, Supl. MAIS), a globalização vive sob o seu espectro de nem colapso nem desenvolvimento. Para este autor está-se diante de uma situação caótica que tem sua causa:

- na paulatina estagnação da economia desde os anos 70 em comparação com os anos anteriores, excetuando-se, mais recentemente, os chamados “tigres asiáticos” (Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Malásia e Tailândia), a China, a Índia e, em escala menor, o Brasil.;

- no declínio gradativo da força econômica dos Estados Unidos, apesar de ainda um tanto hegemônico;

- no fenômeno do desemprego;

- na tendência, nos anos 90, à desestruturação do capitalismo japonês, caracterizado, antes, pela organização;

- na mercantilização desordenada e bárbara da Rússia;

- no processo de desindustrialização da América Latina;

- na situação da África, que torna o continente indesejável aos investidores no que toca a qualquer missão civilizatória.

Por uma das propostas de Clinton, ao acolher o globo em suas fronteiras, o Brasil teria nelas, prioritariamente os Estados Unidos, que, com isso, alargariam ainda mais seus limites territoriais.

O Brasil e os demais países das Américas de economias periféricas, de acordo com o quadro atual da divisão internacional do trabalho, da renda e da riqueza, já têm reduzidos seus graus de liberdade na reestruturação de suas economias.

A ênfase do livro *Por uma outra globalização* (São Paulo: Record, 2001), de Milton Santos, se centra na “convicção do papel da ideologia na produção, disseminação e manutenção da globalização atual”. Acusa-se, pois, a necessidade de analisar seus princípios



fundamentais, apontando as linhas de fraqueza e de força” (2001, p. 14). Daí a importância de se refletir sobre as mudanças e criar condições para torná-las efetivas.

A “mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado, participe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único” (Idem).

O papel do intelectual no mundo de hoje terá grande importância para o acompanhamento da evolução das idéias, em cuja força se acredita, para o *bem* e para o *mal*.

Faz-se mister concentrar-se no estudo dos países mais desfavorecidos, desde a cultura até a política, incluindo a “periferia do sistema capitalista mundial”, para que se possa aquilatar a latência de uma reversibilidade do fenômeno da globalização, mudando, talvez, o rumo da história universal.

Dessa forma, é importante que se acorde para a “existência de pelo menos três mundos num só: (...) tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; tal como ele é: a globalização como perversidade; o mundo como pode ser: uma outra globalização”

Segundo a economista Maria da Conceição Tavares (apud SANTOS, 2001, p. 18), “este mundo como fábula erige como verdade um certo número de fantasias, cuja repetição, entretanto, acaba por se tornar uma base aparentemente sólida de sua interpretação”.

E, para movimentar os elementos essenciais à continuidade do sistema composto de fantasias que se quer impor, cria-se uma máquina ideológica montada com “peças” que interagem para o atingimento do objetivo.

Com respeito, por exemplo, à idéia de aldeia global de McLuhan, questiona-se se realmente a difusão instantânea das notícias abrange a totalidade dos indivíduos. Claro que se trata de um mito, e habitarão a aldeia global aqueles que, efetivamente, estiverem aptos economicamente. O encurtamento das distâncias, que gera o conceito de espaço e tempo contraídos, só será possível para os incluídos que têm condições de viajar. Também o conceito de homogeneização do planeta, que se realiza por meio de um mercado global, é altamente falho, do momento em que, em muitos casos, contribui para aprofundar e conscientizar as diversidades e marginalidades locais.



Contra a busca de uniformidade a serviço dos atores hegemônicos, coloca-se um mundo menos unido, ficando cada vez mais fora de alcance a realização autêntica de uma cidadania universal, estimulando-se, em contrapartida, o culto do consumo.

Ao invés da morte do Estado, assiste-se a uma necessidade premente de seu fortalecimento, para fazer frente às exigências das finanças e de outros grandes interesses internacionais, deixando de lado a responsabilidade com as populações que, cada vez mais, têm condições piores de vida.

Está-se, portanto, diante de uma constatação que, ao invés de mostrar a globalização como um *bem*, estaremos, em realidade, diante de uma ideologização maciça. “segundo a qual a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício de fabulações” (SANTOS, 2001), que se realizam, principalmente, por meio dos recursos da mídia televisiva, escrita e falada.

Para a maior parte da humanidade, a globalização se impõe ao mundo como uma fábrica de perversidades: o desemprego, a pobreza e a marginalização na sociedade aumentam. “O salário médio tende a baixar” e, de maneira geral, os salários cada vez mais se desvalorizam. As classes médias decaem em qualidade de vida. A fome e o desabrigo constituem-se em males do mundo. A AIDS se instala e mazelas antigas, como a tuberculose, retornam imprevistamente. Apesar de todo o progresso nas pesquisas científicas e na informática, aumenta o índice de mortalidade infantil e a qualidade do ensino decai. A busca por condições materiais de vida se torna mais obsessiva, e a relação com o outro se revela cada vez mais falsa e decepcionante. Está-se no tempo do “salve-se quem puder” que resulta de uma ambiência de competição sem escrúpulos e que, em geral, confere vitória aos poderosos econômica ou politicamente.

Milton Santos projeta a construção de um outro mundo que dê possibilidade de surgimento de uma globalização mais humana.

Recorrendo, entre outras coisas, à unicidade da técnica, à convergência dos momentos e ao conhecimento do planeta, bases materiais do período atual, desde que sirvam a outros fundamentos sociais e políticos, conseqüentemente, haverá uma mudança de objetivos. Segundo o autor, o fim do século XX estaria suscetível a essa transformação. Ele crê na emergência de uma nova história, como assinala adiante. E o que leva a isso é:

– o hibridismo dos povos, raças, culturas e gostos em todos os continentes;



– em vista dos progressos da informática, a “mistura de filosofias”, em prejuízo do racionalismo europeu;

– a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que facilita um inter-relacionamento mais estreito entre pessoas e filosofias, evidenciando a existência de uma verdadeira sociodiversidade;

– a emergência de uma cultura popular que se apossou dos meios técnicos, outrora privilégio da cultura de massas, e que hoje com ela compete.

Com respeito às bases da reconstrução e da sobrevivência das relações locais, aponta-se o fato de a população aglomerar-se em poucos pontos da superfície da Terra, porque abre a possibilidade do uso das técnicas atuais, que deverá estar a serviço dos homens. E aí se instala o discurso da escassez. A falta estimula a criatividade, tornando o homem mais solidário em suas realizações.

Vislumbra-se, pois, a possibilidade de produção de um novo discurso, registrando-se a chamada universalidade empírica. Como o nome já expressa, a universalidade empírica deverá resultar da experiência ordinária de cada homem, respeitando-se, entretanto, o tempo de cada um e de cada povo, ao invés de impor-se, globalmente, um mesmo grau de velocidade. Opondo-se à abstração, partir-se-á de uma história concreta. É justamente isso que irá permitir “conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história”.

Segundo um outro escritor, Anthony Giddens, sociólogo inglês e ex-reitor da London Economics School, autor de vários livros sobre este assunto, dentre eles *Mundo em descontrole*, publicado no Brasil em 2002 pela Record, e *A política de mudança climática* (*The politics of climate change*, publicado pela Polity Press em março de 2009), “há razões fortes e objetivas para se acreditar que estamos atravessando um período importante na transição histórica”.

Como um fenômeno pluridimensional e inovador, a globalização põe em jogo um sem número de formas de risco que vão desde as envolvidas na economia eletrônica global até a vida quotidiana de cada um.

O mundo contemporâneo escapou aos moldes delineados pelos iluministas e por Marx, no sentido de que o homem, por meio de sua racionalidade, poderia mudar os rumos da história. A ciência e a tecnologia tornaram-se globalizadas e, muitas vezes, em sua escalada de progresso prestam desserviço à humanidade, caso da poluição ambiental, do efeito-estufa e do buraco de ozônio.



Conduzida pelo Ocidente, a globalização continua a carregar a marcante influência do poder americano, político e econômico, com extrema desigualdade em suas conseqüências. Mas, numa decorrência de fatos em escala global, ela afeta também os Estados Unidos, que, no momento atual, se encontra, realmente, em decadência.

Paradoxalmente, a globalização estimula a expansão da democracia e denuncia os limites das estruturas democráticas mais conhecidas.

Faz-se mister, pois, que o homem se conscientize do momento em que vive, assumindo o controle de um mundo que, cada vez mais, perde sua legítima direção.

Com respeito a *A política de mudança climática*, Giddens concedeu uma entrevista, de Londres, ao jornalista Pedro Dias Leite, no suplemento MAIS, da *Folha de São Paulo*, em 29.03.09, mais ou menos uma semana depois da publicação. Giddens é considerado um dos sociólogos mais influentes da atualidade. Ele afirma que “a crise financeira global vai redefinir radicalmente a sociedade em que vivemos, mas ainda depende muito de um fenômeno em cujas mãos ainda estamos – o mercado”. “Toda vez que uma decisão é tomada, as pessoas querem saber como os mercados vão reagir”. Giddens avalia que “estamos no estágio inicial de descobrir o que seria o novo modelo de capitalismo responsável e global, e prevê uma conseqüência no debate sobre a grande recessão e os desafios da mudança climática.” Giddens se refere, ainda, à necessidade de que o Estado assuma um papel forte com um planejamento de mais longo prazo para controlar mecanismos de mercado de maneira mais eficiente do que nos últimos 30 anos, pelo menos; e de mais inovações tecnológicas. O autor acrescenta, ainda, que os países ricos têm de arcar com 95% dos custos da luta contra o aquecimento global pelos próximos anos, pois “não é moralmente correto nem seria factível, na prática, impedir os países em desenvolvimento de se desenvolverem”. Em contrapartida, o sociólogo não aprova a “atitude passiva” dos países em desenvolvimento relativamente ao referido aquecimento, e crê que o Brasil deve liderar a mediação entre EEUU, China e União Européia.

Discordando, em parte, da política do movimento verde, ele afirma que, em princípio, dever-se-ia ter deixado a natureza em paz, “mas agora é tarde demais”, e será necessária maior intervenção na natureza. Para conviver com a mudança climática tem-se de ter ousadia, espírito inovador e o aproveitamento máximo do uso da tecnologia. É importante que a maioria da população mundial seja levada a compreender em que consiste a mudança climática. Uma sociedade que consuma um índice baixo de carbono, obrigatoriamente, terá

de mudar seu comportamento como também a maneira de ver o mundo. Apesar disso, Giddens crê em que “o mundo que criamos é insustentável e sabemos que não podemos continuar como estamos”. Com referência à “consequência econômica e política” do que ele propõe, é imprescindível que os países em desenvolvimento modifiquem suas rotas. Uma combinação entre competitividade e mudança tecnológica possibilitará a esses países pular algumas etapas para se desenvolverem.

Focalizando o caso do aumento do protecionismo, o entrevistador Pedro Dias Leite pede esclarecimento do termo “desglobalização”, usado por muitos teóricos. E Giddens parece não ter esclarecido devidamente. Apenas afirmou que o termo globalização pode ser visto sob várias ópticas com múltiplas consequências. Uma das mais fortes e irreversível é a “revolução das comunicações” que se constitui como “uma das maiores forças da globalização”. Agrade ou não, o mundo se integrará cada vez mais pelos avanços da tecnologia. E a globalização neste aspecto é um fato. Com relação ao protecionismo, Giddens afirma que é natural que ocorra num momento de recessão, mas, pelo que conhece de economia, nenhum país que se isolou do mercado global conseguiu “prosperar”.

No que toca ao encontro do G 20, que naquele momento ainda iria ocorrer, embora ele ache que o acordo entre os países seja “de fachada”, torna-se necessário que este seja apresentado, porque há premência de tranquilizar o público e o mercado.

Sobre os riscos sofridos pela mudança climática, ele afirma que há “várias formas de medição destes riscos feitas pelos cientistas”. De maneira geral concordam com a hipótese de que “a mudança climática é mais iminente e mais perigosa” do que se pensava, mas não ficou claro o que se deverá fazer para responder a isso.

Declarando ter passado os dois últimos anos estudando esse tema, Giddens diz que ainda “existem muitas divergências na comunidade científica sobre quão iminentes essas coisas são”. Para o Brasil, por exemplo, segundo ele, com algumas condições climáticas violentas, que se façam “estudos de vulnerabilidade”, a fim de encontrar “meios de convergência para procedimentos” de adaptação, no caso de “mudanças significativas no clima”. Que se pense em meios de proteção contra enchentes, procurando, ao mesmo tempo, melhorar práticas de agricultura.

Apesar da desenvolvida educação formal, nesse tema, os estudiosos ainda não conseguiram encontrar um caminho esclarecedor. Sabe-se, no entanto, que, uma vez que as emissões de gases sejam lançadas na atmosfera, ignora-se como retirá-las, e “os principais



gases do efeito-estufa poderão permanecer por 400 anos”. Alguns cientistas já tiveram sucesso em retirar os gases da atmosfera, mas em pequena escala.

Para revestir esta situação crítica de um certo otimismo, ele acrescenta: “Quem sabe o mundo possa ter um mecanismo de adaptação sozinho. Talvez a própria natureza produza uma solução.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRAGA, José Carlos de Souza. O espectro que sonda o capitalismo. *Suplemento MAIS*: Folha de São Paulo, 01.09.96.

FEATHERSTONE, Mike *et alii*. Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade. Trad. de Attilio Brunetta. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrole – o que a globalização está fazendo de nós. Trad. de Maria Luíza X. de A. Borges: 2ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

-----, Entrevista a Pedro Dias Leite. *Suplemento MAIS*: Folha de São Paulo, 29.03.2009.

HARVEY, P. The conditions of Postmodernity: na inquiry into the origins of cultural change. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

SOROS, George. Por uma sociedade global aberta. *Rev. Veja*, São Paulo: Abril, 24.12.97. Ano 30, nº 51.

THOMPSON, John. Ideologia e cultura moderna. Trad. Instituto de Psicologia CUPRS. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

TOURAINE, Alain. O canto de sereia da globalização. *Suplemento MAIS*: Folha de São Paulo, 14.07.96.